

O caderno azul de Jenny: a visita de Marx à Comuna de Paris

MICHAEL LÖWY E OLIVIER BESANCENOT

São Paulo: Boitempo, 2021, 112p.

*Beatriz Malcher**

Além de militante anarquista e de uma das principais lideranças da breve Revolução anticapitalista da Paris de 1871, Louise Michel foi autora de vasta obra literária na qual figura o livro “Contos e Lendas” (1884), destinado ao público infanto-juvenil. De caráter didático, ele reúne pequenas narrativas e um curto poema, que funciona como epígrafe que descreve objetivo de Michel na publicação do livro. Nele ela recomenda que seus jovens leitores leiam essas histórias, como forma de extrair do passado e da experiência maior destreza. Talvez possamos pensar que *O caderno azul de Jenny: a visita de Marx à Comuna de Paris*, no qual Michel participa enquanto uma das personagens de destaque, parte da mesma premissa: extrair do passado ficcional e da experiência real, maior destreza para nossos tempos presentes.

Escrito para a comemoração dos 150 anos da Comuna de Paris, em 2021, o livro de Michel Löwy e Olivier Besancenot tenta destrinchar a relação apaixonada que Karl Marx estabeleceu com os acontecimentos do 1871 francês. O livro, desde o seu prefácio, se propõe a uma tarefa de imaginação, tarefa esta que só vai se revelar com clareza, no entanto, em suas últimas páginas. Por conta disso

* Pós-doutoranda em Teoria Literária na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: malcher.beatriz@gmail.com

cabe a mim, enquanto autora desta resenha, recomendar aos que ainda não tiveram a chance de ler o livro, que partam para o quarto parágrafo, caso não queiram que o fator (quase) surpresa de suas páginas finais lhes seja revelado. Löwy e Besancenot se propõem a desenvolver o que chamam de “biografia ficcional” (p.111), ou seja, um exercício de imaginação histórica: o que teria acontecido se Karl Marx estivesse na Paris insurgente durante os eventos daquele ano? Para responder esta pergunta, os autores transformam a si mesmos em personagens de uma ficção onde recebem de Jenny Laura Marx – segunda filha de Karl Marx com Johanna von Westphalen –, um caderno nunca antes lido, onde supostamente a então jovem revolucionária relataria a breve visita clandestina feita a Paris ao lado de seu pai, imediatamente após à eclosão da Comuna.

Já nas primeiras páginas os autores dão pistas sobre a natureza da obra, questionando se aquilo tratar-se-ia de fato de um relato ou de um “produto da imaginação” (p. 20), optando, no entanto, pela primeira opção. Ainda assim, ao longo da leitura do documento, alguns indícios de que aquilo seria uma ficção tornam-se mais claros – como o encontro, “às vezes anacrônico” (p.111), de figuras históricas que nunca de fato se conheceram. A revelação deste caráter ficcional, no entanto, só acontece no posfácio do texto, quando os autores revelam a inexistência do suposto manuscrito, propondo que este exercício de imaginação seria uma tentativa de “reunir essas personagens na Paris insurgente!” (p.112). Este movimento de ficcionalização da história parece servir em dois níveis: primeiramente em nível didático, procurando expor os diferentes e conflitantes pontos de vista políticos que coexistiram durante a Comuna. Em segundo lugar, em nível de presentificação, a partir de um movimento benjaminiano de observar como as experiências do passado lampejam em nosso presente.

Nas páginas que compõem o chamado *Caderno Azul* lemos o relato em primeira pessoa que Jenny Marx faz da experiência que teve na Comuna, ao lado de seu pai, Karl, desde o dia 20 de março de 1871, quando consegue persuadi-lo, ainda na Inglaterra, à irem para a França clandestinamente acompanhar os eventos de perto enquanto representantes da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), até o seu retorno, no dia 19 de abril, quando têm que escapar por terem suas identidades reveladas. A narrativa feita por Jenny do longo mês passado na cidade insurgente consegue dar conta de diferentes aspectos do contexto político, intelectual e artístico – a participação surpresa de Rimbaud enquanto personagem, ou a referência constante à Coubert, dão conta disso –, sem abrir mão de uma exposição direta da relação afetiva de um pai com sua filha.

Ainda nas primeiras páginas, por exemplo, vemos a admiração de Karl pela inteligência da jovem, que demonstra explícita influência nas decisões do pai. Jenny aparece no livro como uma figura esclarecida, capaz de argumentar com Karl a respeito de diferentes aspectos da vida pública na França, e ainda de convencê-lo a respeito de inúmeros temas. Para além da admiração, acompanhamos também as preocupações deste pai com o futuro de sua filha e a aprovação e respeito que

nutre por Paul Lafargue – com quem, como se sabe, Jenny se casa posteriormente. De fato, no livro podemos vislumbrar, ainda que de relance, os anos iniciais da relação entre Jenny e Lafargue, relação esta que teve importância central no destino do marxismo após a morte de Karl: o casal foi responsável pela tradução dos trabalhos dele para o francês, pela divulgação dos mesmos em diferentes países da Europa, além de terem herdado grande parte dos textos de Engels e de terem estabelecido uma relação política e pessoal com Lenin.

No entanto, o foco do texto ultrapassa a relação entre pai e filha. O que o leitor encontra no relato são diferentes aspectos daquilo que foi, segundo o próprio Marx declara em *Guerra civil na França*, da “primeira revolução em que a classe trabalhadora foi abertamente reconhecida como única classe capaz de iniciativa social”. Dois pontos, em especial, podem ser destacados dentre esses aspectos. O primeiro deles é a centralidade das mulheres, “proletários dos proletários”, não apenas durante a Comuna, lutando nas trincheiras. A narrativa de Jenny dá conta de mostrar como a Revolução não teria nem acontecido se não fosse a insurgência de mulheres que “não esperaram até março para tomar as ruas” e sem as quais “no 18 de março, a Comuna provavelmente teria deixado sua artilharia cair nas mãos dos versalhes” (p. 60). Mostra também que talvez o destino do movimento tivesse sido outro se houvesse uma igualdade no poder de decisão entre essas lideranças femininas e as masculinas, o que nos leva ao segundo aspecto: o desacordo dos Marx com a Comissão de Finanças da revolução, que decide não tomar controle do Banco da França.

Tanto Jenny quanto Marx apontam para o risco de fracasso da tentativa revolucionária frente à Versalhes, especialmente pela precariedade financeira do movimento. Sabemos que a resistência à tomada de uma medida mais radical em relação aos fundos do Banco foi responsável pela derrota do movimento – o que é apontado pelo próprio Karl Marx em *Guerra civil na França*. O tema atravessa o livro de ponta a ponta como uma espécie de fantasma que anuncia a ruína eminente. O mais interessante desta situação, porém, é que as duas únicas personagens que parecem ter a mesma visão dos Marx são justamente as lideranças femininas, a comunista Élisabeth Dmitrieff e a anarquista Louise Michel.

Entendo este movimento como um lampejo que o texto proporciona para refletir sobre aspectos de nosso presente imediato – e é este ponto em especial que o livro de Löwy e Besancenot parece ganhar em relação à outras narrativas sobre a Comuna. Numa época, como a nossa, em que o discurso político de muitas lideranças feministas e socialistas tendem a tratar a luta de classes como algo, quando não datado, ao menos separado das questões identitárias, num geral, e do feminismo, em particular, a leitura de *O caderno azul de Jenny* proporciona ao leitor um olhar oposto, permitindo repensar e reunir esses dois aspectos.

De certa forma, a tentativa dos autores aqui me parece ir de encontro ao que sonhou um dia Louise Michel: extrair do passado e da experiência, maior destreza para nossos dias.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

O fascismo e o Estado

Armando Boito Jr.

Marx depois da MEGA2

Marcello Musto

Nova leitura de Marx

Jan Hoff

Marx, o marxismo e o comunismo

W. E. B. Du Bois

A Viena vermelha

Michael R. Krätke

53